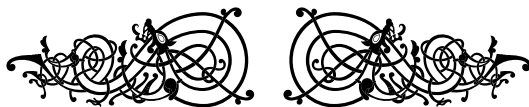


# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	9
Conceitos .....	10
Datação.....	13
Relevância.....	15
Sobre este livro .....	16
1. MITOS E LENDAS.....	19
Entre deuses .....	20
Entre humanos .....	25
A parte e o todo.....	28
2. PRIMÓRDIOS .....	31
Etimologia.....	31
Origens.....	33
O <i>fupark</i> antigo.....	36
Acrofonia .....	38
3. DIVERSIFICAÇÃO .....	43
O <i>fupark</i> anglo-frísio e o inglês .....	45
O <i>fupark</i> novo (e as suas variantes).....	48
O <i>fupark</i> medieval .....	51
As runas de Dalarna.....	54
4. USOS PRÉ-CRISTÃOS.....	57
Magia e religião.....	58
Nomes, comuns e próprios .....	62
Artesãos .....	65
Códigos e criptogramas .....	66
Memória .....	69

5. MEMÓRIA EM PEDRA .....	73
A decoração .....	76
Os runógrafos .....	77
Homenagens simples .....	80
Deuses, santos e a Virgem .....	81
Pontes piedosas .....	83
Morreu em viking .....	85
Glorificação pessoal .....	87
6. USOS PÓS-PAGÃOS .....	91
Magia e religião .....	95
Homenagens fúnebres .....	99
Autoria .....	102
Posse .....	104
Quotidiano .....	105
Autopromoção .....	107
Amor .....	108
Obscenidades .....	110
7. REVIVALISMO E ESOTERISMO .....	113
Erudição e patriotismo .....	113
Romantismo e ocultismo .....	116
O outro “homem doente” da Europa .....	118
Visões de um cego .....	120
Trupe e acólitos .....	124
8. NEOPAGANISMO .....	129
Recuperação .....	129
Os novos pagãos .....	130
Runosofia .....	133
Popularização .....	135
CONCLUSÃO .....	137
E agora servem para quê? .....	137
As siglas poveiras .....	140
BIBLIOGRAFIA .....	143



## INTRODUÇÃO

**N**a igreja norueguesa de Øye foram gravadas numa lápide as seguintes palavras, aqui transcritas, transliteradas, normalizadas em nórdico antigo ocidental e traduzidas para português:

\* \*ΦR: \*NIR: ÞR: Y11ΦR: ΦIRI\*: KRΦ<sup>1</sup>: K11ΦR: 11<sup>1</sup>ΦR:  
h e r h u i l i r þ ō r a m o d e r e i r i h p r e s t p a t e r n o s t e r

*Hér hvilir Þóra, móðir Eiríks prests. Pater noster*

Aqui jaz Þóra, mãe de Eirik, o padre. Pai nosso

IMAGEM 1: a inscrição rúnica N 79.

Esta pequena inscrição, provavelmente datada do século XIV e que na base de dados rúnica tem o código N 79<sup>1</sup>, choca com ideias hoje comuns sobre as runas: que são símbolos mágicos ou divinatórios; que representam primeiramente ideias e não sons; e que a sua utilização decaiu ou foi banida com a cristianização da Escandinávia, punindo a Igreja quem a elas recorresse por serem expressão de crenças pagãs, apanágio de sacerdotes antigos ou feiticeiros nórdicos. Noções desmentidas na citada inscrição de Øye, pois nela as runas foram usadas, séculos após o período pagão, para redigir uma

---

<sup>1</sup> Para este livro, usei a *Sammordisk runtextdatabas* da Universidade de Uppsala e o *Runic Dictionary* de Tarrin Wills, ambos disponíveis *online*. Os respectivos endereços encontram-se na Bibliografia.



mudado muito na última década, mas, para além de nem todos os textos rúnicos terem a mesma extensão, a sua distribuição cronológica é desigual, havendo mais de determinados períodos. Algo igualmente verdade para a distribuição geográfica: cerca de três mil e quinhentos são do que é hoje a Suécia, perto de mil e seiscentos da Noruega, à volta de oitocentos e cinquenta da Dinamarca, mais de cem da Gronelândia, tal como de Inglaterra, enquanto que da Islândia constam menos de uma centena e mais de oitenta da Alemanha; das Orkney (ou Órcadas) são para cima de cinquenta, cerca de trinta e cinco da ilha de Man e vinte dos Países Baixos, número também válido para a Irlanda e Escócia (excluídas as Órcadas); e depois há locais como Itália, as ilhas Shetland e as Faroé (ou até a Turquia), onde contam-se menos de dez inscrições (Barnes 2017: 2).

Há vários motivos para essa distribuição desigual e falar-se-á de alguns deles neste livro. Mas descurar os dados directos ou indirectos que os textos rúnicos proporcionam, por se achar que as runas não são uma coisa séria, é ignorar uma fonte de informação histórica valiosa, da política à religião, cultura à sociedade, literatura às línguas. Não é esse, claro está, o caso no norte da Europa, onde as runas fazem parte da paisagem física e são um tema estabelecido, tanto de pesquisa académica contínua, como de divulgação junto do grande público. Mas no sul da Europa e, neste caso, em Portugal, nem sempre é esse o caso. Dir-se-á que é por não fazerem parte do nosso património e experiência histórica, o que é um argumento válido, mas não o único a ter em conta. Porque se é verdade que as runas não são parte da História portuguesa, elas são da História da Europa, como se vê pela sua importância e distribuição geográfica. E, goste-se ou não, são também já parte da cultura popular moderna, da literatura ao cinema e televisão, e ainda de novos movimentos religiosos. Motivos suficientes para elas serem um tema com mérito, dentro e fora das universidades.

## SOBRE ESTE LIVRO

Como tal e conforme disse, a razão de ser destas páginas está no dissipar da confusão sobre as runas, dando a conhecer as suas



origens, evolução e usos ao longo do tempo. Mas isso abrange quase dois mil anos de História, das primeiras inscrições conhecidas até aos nossos dias.

É por isso que o conteúdo deste livro é necessariamente abreviado, tendo o essencial para se seguir o passado, compreendendo-o, e perceber as ideias modernas no que elas têm de histórico e ficcional. O primeiro capítulo é pois dedicado às fontes islandesas do século XIII em diante, que alimentaram a imaginação romântica e ainda hoje influenciam a forma como entendemos as runas. E depois o livro traça o trilho da História, dos primórdios dos caracteres rúnicos aos nossos dias. Aborda as origens e multiplicação de variantes - ora mais simples, ora mais complexas - e os usos antes e após a cristianização, a qual não foi um momento súbito, mas sim um processo longo com datas variáveis consoante o espaço: em Inglaterra, ocorreu ao longo do século VII, mas a adopção oficial da nova religião na Escandinávia veio apenas no final do X, na Dinamarca e Noruega, e cerca de cem anos depois na Suécia. Isto, frise-se, quanto à conversão oficial, que serve aqui de fronteira cronológica para organizar a informação; coisa bem diferente era a realidade religiosa quotidiana. Ao longo desse processo de transformação de crenças e de práticas, o uso das runas manteve-se e desenvolveu-se, desaparecendo como sistema de escrita geral apenas durante o século XV. Mas houve um interesse renovado na centúria seguinte e que originou, por um lado, o estudo académico das runas e, por outro, a sua distorção pela ansiedade cultural germânica no império austro-húngaro, que é de onde vem muito do que hoje se lê na literatura neopagã. E claro, tudo isso é aqui apresentado com uma boa dose de imagens, que afinal está-se a falar de sistemas de escrita e é vendo-os, transliterados e traduzidos, que se rompe a aura de misticismo com que as runas têm sido cobertas, passando-se a encará-las como aquilo que elas são: letras como as nossas.

Para além desse conhecimento sobre antigos caracteres germânicos, este livro oferece ainda dois extras que podem ser inesperados, mas bem vindos: o primeiro é um olhar renovado sobre a constância do espírito humano, à medida que nos revemos nas pessoas de outras épocas; e o segundo é uma visão crítica dos dias



























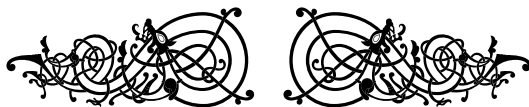
	f	* <i>fehu</i>	gado, riqueza
	u	* <i>uruz</i>	auroque, boi selvagem?
	þ	* <i>þurisaz</i> ?	gigante, monstro
	a	* <i>ansuz</i>	deus
	r	* <i>raido</i>	cavalgar
	k	* <i>kauna</i> ?	furúnculo, ferida
	g	* <i>gebo</i>	dádiva, presente
	w	* <i>wunjo</i>	felicidade, alegria
	h	* <i>hagalaz</i>	granizo
	n	* <i>naudiz</i>	necessidade, aflição
	i	* <i>isaz</i>	gelo
	j	* <i>jara</i>	(bom) ano
	æ	* <i>ihwaz</i> ?	teixo
	p	* <i>perþo</i> ?	?
	z	* <i>algiz</i> ?	alce ?
	s	* <i>sowilo</i>	sol
	t	* <i>tiwaz</i>	Týr (deus)
	b	* <i>berkana</i>	bétula?
	e	* <i>ehwaz</i>	cavalo
	m	* <i>mannaz</i>	homem, humano
	l	* <i>laguz</i>	água, líquido
	ng	* <i>ingwaz</i>	Ing (antropónimo)
	o	* <i>ophala</i> / * <i>ophila</i>	propriedade herdada
	d	* <i>dagaz</i>	dia

IMAGEM 6: uma reconstrução dos nomes das runas do fuþark antigo com base na versão de Michael Barnes (2017: 22).





## 4.

# USOS PRÉ-CRISTÃOS

O filólogo e runólogo<sup>4</sup> belga René Derolez imaginou algo a que diferentes especialistas têm recorrido para ilustrar o estado do registo arqueológico (Page 2001: 12; Spurkland 2005: 21). É uma conta simples: se entre os anos 200 e 600 o número de runógrafos em todo o mundo germânico tivesse sido sempre de dez (um número baixo) e se cada um deles tivesse gravado apenas uma dezena de inscrições por ano (uma quantidade em nada extraordinária), o total produzido seria de quarenta mil. Na realidade, tem-se apenas duzentas inscrições datadas desse período, quando muito cerca de quinhentas se se expandir os parâmetros cronológicos para os anos 150 a 700 (Looijenga 2003: 27). O que equivale a 0,5% do total imaginado por Derolez ou 0,9% uma vez alargado o horizonte temporal.

Dito de outra forma, o que se tem para os primeiros séculos da História rúnica é pouco, muito pouco, uma pequena parte do que em tempos terá existido, e encontra-se por norma inscrito em objectos mais duráveis, porque feitos de metal ou pedra. A madeira, que pode ter sido a superfície rúnica original e é um material mais

---

<sup>4</sup> No caso de Derolez e outros, por runólogo entende-se alguém com formação académica e para quem as runas são uma área de estudo especializado no campo das ciências sociais e humanas. Está ao nível, por exemplo, de um paleógrafo ou epigrafista e é um tipo de estudioso relativamente comum no norte da Europa.



tem um texto fragmentado sobre riquezas pagas ou dadas, batalhas e laços de parentesco, homenagens fúnebres, quem fez erguer a pedra e quem deu cor à inscrição. Pelo meio, as runas são descritas como sendo de origem divina, o que tem paralelo na *Edda Poética*, centenas de anos mais tarde, e é reflexo da já referida forma como as culturas antigas viam a invenção da escrita: dádiva dos deuses ou obra de heróis. E na pedra de Glavendrup, na Dinamarca (DR 209), datada da Idade Viking, lê-se que ela presta homenagem a um guerreiro ou aristocrata, que era também sacerdote pagão, e que foi erguida pela mulher e filhos e gravada por um runógrafo do séquito do defunto. E no texto pede-se a Thor que abençoe ou consagre a inscrição, que termina com uma maldição contra quem danificar ou reutilizar a pedra. É um vislumbre da vida e mundividência nórdicas pré-cristãs, mas preservado em runas que foram gravadas como letras - símbolos fonéticos - e não ideogramas.



IMAGEM 28: a inscrição U 877, que se encontra no Museu de História Sueca, em Estocolmo. Fotografia da minha autoria.

